

RiMe

Rivista dell'Istituto
di Storia dell'Europa Mediterranea

ISBN 9788897317661

ISSN 2035-794X

numero 8/III n.s., giugno 2021

Portugal 1580: o itinerário gráfico
de Stefano Angarano

Portugal 1580: Stefano Angarano's
graphic itinerary

Luís Costa e Sousa

DOI: <https://doi.org/10.7410/1478>

Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Consiglio Nazionale delle Ricerche
<http://rime.cnr.it>

Special Issue

Portugal na escrita dos Italianos
(sécs. XVI-XVIII)

Portugal in the writings of Italians
(16th-18th centuries)

Organizado por / Edited by

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo
- Gaetano Sabatini

Direttore responsabile | Editor-in-Chief

Luciano GALLINARI

Segreteria di redazione | Editorial Office Secretary

Idamaria FUSCO - Sebastiana NOCCO

Comitato scientifico | Editorial Advisory Board

Luis ADÃO DA FONSECA, Filomena BARROS, Sergio BELARDINELLI, Nora BEREND, Michele BRONDINO, Paolo CALCAGNO, Lucio CARACCILO, Dino COFRANCESCO, Daniela COLI, Miguel Ángel DE BUNES IBARRA, Antonio DONNO, Antonella EMINA, Vittoria FIORELLI, Blanca GARÌ, Isabella IANNUZZI, David IGUAL LUIS, Jose Javier RUIZ IBÁÑEZ, Giorgio ISRAEL, Juan Francisco JIMÉNEZ ALCÁZAR, Ada LONNI, Massimo MIGLIO, Anna Paola MOSSETTO, Michela NACCI, Germán NAVARRO ESPINACH, Francesco PANARELLI, Emilia PERASSI, Cosmin POPA-GORJANU, Adeline RUCQUOI, Flocel SABATÉ i CURULL, Eleni SAKELLARIU, Gianni VATTIMO, Cristina VERA DE FLACHS, Przemysław WISZEWSKI.

Comitato di redazione | Editorial Board

Anna BADINO, Grazia BIORCI, Maria Eugenia CADEDDU, Angelo CATTANEO, Isabella CECCHINI, Monica CINI, Alessandra CIOPPI, Riccardo CONDRÒ, Alberto GUASCO, Domenica LABANCA, Maurizio LUPO, Geltrude MACRÌ, Alberto MARTINENGO, Maria Grazia Rosaria MELE, Maria Giuseppina MELONI, Rosalba MENGONI, Michele M. RABÀ, Riccardo REGIS, Giovanni SERRELI, Giovanni SINI, Luisa SPAGNOLI, Patrizia SPINATO BRUSCHI, Giulio VACCARO, Massimo VIGLIONE, Isabella Maria ZOPPI.

Responsabile del sito | Website Manager

Claudia FIRINO

© Copyright 2021: Author(s)

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License”.



RiMe. Rivista dell'Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea (<http://rime.cnr.it>)

Direzione e Segreteria | Management and Editorial Offices: via G.B. Tuveri, 128- 09129 Cagliari (I).

Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.

Invio contributi | Submissions: rime@isem.cnr.it

RiMe 8/III n.s. (June 2021)

Special Issue

Portugal na escrita dos Italianos (sécs. XVI-XVIII)

Portugal in the writings of Italians (16th-18th centuries)

Organizado por / Edited by

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

Table of Contents / Indice

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini <i>Introdução / Introduction</i>	7-9
Cecilia Veracini <i>Uso e commercio degli animali non umani nell'espansione portoghese (secoli XV e XVI): le testimonianze dei viaggiatori italiani / Use and trade of non-human animals in Portuguese overseas expansion (15th and 16th centuries): Evidence from Italian travellers</i>	11-42
Nunziatella Alessandrini <i>Vincenzo Tron e Girolamo Lippomani: a Lisboa de Quinhentos em espelho / Vincenzo Tron and Girolamo Lippomani: the 16th century Lisbon in the mirror</i>	43-61

Rui Loureiro	63-81
<i>Breves notas sobre as cartas lisboetas de Filippo Sassetti (1578-1583) / Brief notes about the Lisbon letters of Filippo Sassetti (1578-1583)</i>	
Luís Costa e Sousa	83-112
<i>Portugal 1580: o itinerário gráfico de Stefano Angarano / Portugal 1580: Stefano Angarano's graphic itinerary</i>	
João Cabeleira	113-144
<i>Visão da paisagem seiscentista portuguesa através das vedute de Pier Maria Baldi e da Relazione ufficiale de Lorenzo Magalotti / A view of the 17th century Portuguese landscape through the vedute by Pier Maria Baldi and the Relazione ufficiale by Lorenzo Magalotti</i>	
Mariagrazia Russo	145-162
<i>Antonio Albergati, colector em Portugal (1622-1624): uma presença contra a escravidão. Documentos inéditos em bibliotecas romanas / Antonio Albergati, collector in Portugal (1622-1624): a presence against slavery. Unpublished documents in Roman libraries</i>	
Cristina Bravo Lozano - Roberto Quirós Rosado	163-183
<i>Evangelizzare nella tempesta. Fra' Bonaventura d'Alessano, la 'Restauração' in Portogallo e le origini della Missione del Congo / Evangelising in the storm. Friar Bonaventure d'Alessano, the 'Restauração' in Portugal and the origins of the Congo Mission</i>	
Ricardo Bernardes	185-198
<i>Vivat Maestri Scolari: a presença de Giuseppe Scolari e as suas óperas em Lisboa entre 1766 e 1774 / Vivat Maestri Scolari: the presence of Giuseppe Scolari and his operas in Lisbon from 1766 to 1774</i>	
Elfrida Ralha	199-238
<i>João Ângelo Brunelli (1722-1804). Episódios históricos marcados por um matemático bolonhês contratado por D. João V / João Ângelo Brunelli (1722-1804). Historical episodes marked by a Bolognese mathematician hired by D. João V</i>	
Ana Paula Avelar	239-259
<i>A Alteridade na reavistação de um Portugal setecentista. As "Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie" de Giuseppe Gorani / The Otherness in</i>	

the re-visitation of a 18th century Portugal. The “*Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie*” by Giuseppe Gorani

Focus

Antonio González Valverde - José Javier Ruiz Ibáñez

263-298

El derecho y el azar testamentario: mérito, promoción social, normativa y tiempos en la sucesión del maestro de campo don Juan de Rivas, castellano de Cambrai (1596-1616) / Testamentary law and chance: merit, social promotion, norms and times in the succession of the maestro de campo Don Juan de Rivas, castellan of Cambrai (1596-1616)

Portugal 1580: o itinerário gráfico de Stefano Angarano¹

Portugal 1580: Stefano Angarano's graphic itinerary

Luís Costa e Sousa
(CHAM / FCSH -
Universidade NOVA de Lisboa)

Date of receipt: 10/02/2021

Date of acceptance: 07/03/2021

Resumo

Propõe-se fazer o enfoque na componente iconográfica da *Relatione do Co. Stefano Angarano de la guerra di Portogallo L'anno 1580*, cujos desenhos ilustram os três aspectos que caracterizam o desempenho de uma força militar no terreno: a forma do acampamento militar, a organização da coluna de marcha e o itinerário. É um texto raro que junta a descrição gráfica de um acampamento militar associada ao desenho da organização da coluna de marcha, e tudo isto descrevendo um mesmo evento bélico, a invasão de Portugal pelo exército espanhol em 1580.

Palavras-chave

Castrametação; guerra; Portugal; século XVI.

Abstract

We proposed to focus on the iconographic component of the *Relatione do Co. Stefano Angarano de la guerra di Portogallo L'anno 1580*, whose drawings illustrate the three aspects that characterize the operational performance of a military force: the shape of the military camp, the organization of the march column and the army's itinerary. It is a rather unusual text that comprises the graphic description of a military camp associated with the design of the organization of the march column describing the same military event, the invasion of Portugal by the Spanish army in 1580.

Keywords

Castrametation; War; Portugal; 16th century.

Introdução. - 1. *Stefano Angarano.* - 2. *A cidade militar. O acampamento de Cantillana.* - 3. *Coreografia da guerra. A ordem de marcha do exército espanhol.* - 4. *O exército em marcha: itinerário Cascais-Alcântara.* - 5. *Conclusões e tópicos a desenvolver.* - 6. *Bibliografia.* - 7. *Curriculum vitae.*

¹ Texto produzido no âmbito do projecto *De re militari. Da escrita da guerra à imagem do campo de batalha no espaço português (1521-1621)*, (PTDC/ ART-HIS/32459/2017), financiado pela F.C.T.

Introdução

A campanha militar de 1580, conhecida como “guerra de anexação” (Inclán, 1897), que teve lugar depois da morte do rei D. Sebastião em Marrocos, selou a constituição da Península Ibérica como um todo político. Do ponto de vista militar, é um tema que continua pouco trabalhado no âmbito da historiografia portuguesa. Geralmente visto como um mero passeio militar, tem escapado ao crivo de uma análise mais detalhada, isto apesar de se tratar de uma complexa movimentação terrestre e marítima, apoiada numa vasta rede de informação, e cujo resultado final esteve longe de se encontrar garantido á partida.

De todas as informações escritas sobre a campanha de anexação de 1580, a *Relatione do Co. Stefano Angarano de la guerra di Portogallo L'anno 1580* sobressai. Não apenas por se tratar de um autor fora círculo dos habituais (e ainda os mais detalhados) testemunhos espanhóis que sustentam os estudos sobre a guerra de anexação (Miraflores-Salvá, 1859-62), mas pela qualidade da componente gráfica do manuscrito. Os desenhos que acompanham a *Relatione* de Stefano Angarano são parte integrante da narrativa, e descrevem os três aspectos que caracterizam o desempenho de uma força militar no terreno; a divisão do tempo de um exército, “marching, camping and fighting” (Wood, 2002), que já ensaiamos aplicado ao estudo do exército que o rei D. Sebastião levou a Marrocos em 1578 (Sousa, 2018, pp. 49 e ss.). As imagens do texto de Angarano descrevem a forma do acampamento militar espanhol antes da invasão, a organização da coluna de marcha, e o itinerário seguido pelo exército, desde Cascais até Alcântara, local onde se feriu a batalha que decidiu o futuro do reino de Portugal. Documento como este adquirem um âmbito tão completo como raro, pois é invulgar depararmos com a representação gráfica de um acampamento militar associada ao desenho da organização da coluna de marcha, todas relativas ao mesmo evento bélico.

Os temas que se podem caracterizar como ligados com a logística, ainda que se trate de um termo oitocentista, têm sido abordados por vários autores, nomeadamente a propósito da campanha francesa de Henrique VIII em 1513 (Cruikshank, 1991), o acampamento militar espanhol de finais que Quinhentos e início de Seiscentos (O'Donnell, 2017), e o conceito de cidade militar itinerante (Martines, 2013). Porém, o estudo da estrutura física das colunas militares e dos acampamentos construídos ao longo dos itinerários, carece de aprofundamento pela história militar portuguesa. O trabalho realizado sobre estas duas temáticas, nomeadamente o itinerário do exército sebástico que combateu em Ksar El Kebir e a localização e forma dos sucessivos acampamentos, revelou um potencial ainda por explorar. O projecto “De Re militari” (que contempla a

inventariação, tão exaustiva quanto possível, de iconografia e textos sobre a temática militar), trouxe à colação a análise da documentação relativa ao acampamento espanhol de Cantillana (1580) representado por Stefano Angarano, e a relação com a fatal expedição portuguesa no que respeita aos modelos teóricos em jogo, e aos protagonistas de um conhecimento militar que naturalmente atravessou as fronteiras dos dois reinos, Espanha e Portugal.

Curiosamente, a historiografia portuguesa pouca atenção devotou a este documento, para além de disponibilizar duas cópias, uma oitocentista, outra em publicação mais recente, mas truncada da componente iconográfica (Oliveira, 2000). O potencial historiográfico deste riquíssimo documento, contudo, foi sinalizado por Guido Beltramini, sendo que o fólio com a imagem mais apelativa – o itinerário final, de Oeiras a Alcântara - foi magnificamente reproduzido em todo o esplendor do traço sépia e apontamentos a tinta vermelha (Beltramini, 2009). Este texto pretende servir como ponto de partida para o desenvolvimento de um trabalho pluridisciplinar, nomeadamente no que respeita ao desenvolvimento da componente arqueológica e posterior análise comparativa com a campanha militar de 1578.

1. Stefano Angarano

Apresentando-se como o “Co. Stefano Angarano”, o nosso autor não adianta outra informação acerca da sua eventual participação na campanha militar de 1580. Seria um voluntário ao serviço de Filipe II de Espanha? A designação que precede o nome, *Co.*, pode indicar que Angarano era soldado de carreira; ou pode tratar-se de um posto militar, ainda que inferior aos lugares de topo da hierarquia espanhola; poderia ser um “capitão” – “Co.” –, oficial no comando de uma das dezenas de companhias do contingente italiano do qual, por essa razão, dificilmente encontramos rasto. A *Relatione* informação de carácter militar muito precisa, o que poderá indicar que o autor domina a matéria. Contudo, o texto é omissivo a qualquer facto sobre a sua biografia. Sabe-se que Stefano Angarano era um nobre vicentino que terá falecido – ou foi dado como desaparecido – em 1588. Era filho do conde Giacomo Angarano, a quem Palladio dedicou os dois primeiros volumes do tratado *I quattro libri dell'architettura* (1570). O traçado do Palácio (vila) Angarano, habitação de Giacomo, é da sua autoria, e encontra-se representado no Livro II do tratado.

Angarano enviou a sua relação ao influente colecionador Giacomo Contarini, protector de Andrea Palladio, em cuja casa o arquitecto passou os últimos anos de vida, solicitando que o manuscrito lhe fosse entregue (Beltramini, 2009, pp. 12 e ss.). Aparentemente, Angarano movimentava-se num círculo onde se

encontravam representantes ilustres das Artes e da guerra (Beltramini, 2009, p. 73). De facto, as várias personagens envolvidas na produção e recepção da *Relatione* encontram-se ligadas à Accademia Olimpica, da qual faziam parte Andrea Palladio, e com a qual Contarini mantinha contacto através do poeta Gianbattista Maganza (Hochmann, 1987, p. 49). Sabemos o papel cultural e social destas sociedades intelectuais, e a Accademia Olimpica cultivava as Artes, com especial prevalência das Matemáticas e disciplinas associadas (Everson-Reidy-Sampson, 2016). O exercício das armas, como a esgrima ou a equitação, faziam também parte do leque de temas abordados durante os encontros, que incluíam exposições orais e debate entre os membros. Um episódio revelador desta transversalidade de saberes, já referido por Hale (1984, pp. 471 e ss.), envolveu um exercício militar organizado por Palladio e outro dos membros da academia, o coronel de cavalaria Valerio Chieragati:

E Andrea Palladio Vicentino architetto di professione, e Valerio Chiericato, non da guerra veduta à no ftri giornine suna, ma da libri di Eliano, e di Leone, di Cesare, seponno fare istupire, chivide à quegli votare, con ordine marauiglioso di ciurma, e di soldati una galea. E à questi far fare à 500 fanti con grande ordine, e facilità tutti i moti militari di Eliano. (Patrizzi, 1595, p. 149)

O interesse dos arquitectos pela fortificação tem sido amplamente referido desde os trabalhos de Hale, e pode ser sintetizado na frase “la tensione culturale entro cui si origina la nuova architettura è quella scientifica della geometria” (Fara, 1988, p. 96). Um exemplo desta teia de conhecimentos é o tratado de esgrima de Camilo Agrippa (1553). Sendo um amador, por sinal arquitecto/engenheiro e matemático, reequacionou a pedagogia do ensino da esgrima incorporando-lhe os novos conceitos artísticos, ciência e filosofia (Mondschein, 2009). Poder-se-ia dizer que esta abordagem pouco convencional – o manual de Agrippa contrasta com o carácter corporativo da obra que o precedeu, o tratado de Achille Marozzo (1536) – não vingaria senão nos círculos diletantes, mas a sua influência fez-se sentir em obras posteriores, nomeadamente na escola de esgrima espanhola, corporizada no tratado de Jeronimo de Carranza (1582).

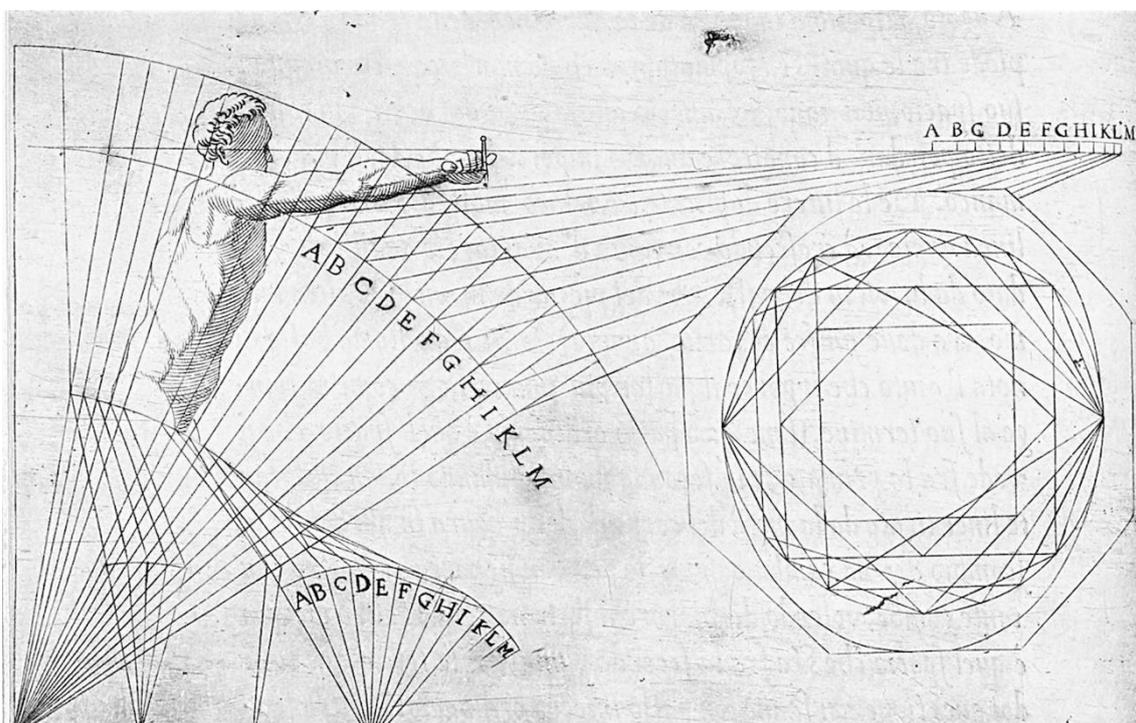


Imagem 1: *Tratatto di scientia d'arme com un dialogo di filosofia*, Roma, 1553.

A utilização cada vez mais sofisticada da matemática e da geometria encontra-se na base conceptual da evolução da artilharia e arquitectura militar, no estudo balístico do “tiro artiglieresco”, e no traçado (arquitectónico) angular destinado a resistir-lhe (Fara, 1988, pp. 73 e ss.). O enleir das ciências matematizadas da balística e fortificação com outras ciências geométricas – medição territorial, óptica, perspectiva (cf. Fara, 1988 e Lefèvre, 2004) – foi uma característica fundamental deste período formativo na arte da guerra, que abriu espaço ao envolvimento de matemáticos e geómetras na redefinição da arte da guerra (Kemp, 1990). O campo de batalha quinhentista transformou-se num complexo fenómeno visual, envolvendo princípios de composição como as relações de simetria e proporção na colocação dos soldados no espaço físico. As batalhas foram analisadas e dissecadas não só pela palavra escrita, mas também através da representação gráfica. Na pintura de Ticiano, nas gravuras de Dürer, ou nos desenhos dos participantes nas incontáveis batalhas do século XVI, recorreu-se à perspectiva e projecção ortogonal para transmitir o máximo detalhe dos diferentes aspectos da atividade bélica, desde “a forma dos exércitos, da fortificação dos redutos, e trincheiras”², ou da imagem dos soldados. A teoria e prática da guerra durante o século XVI não se reduziu, portanto, à organização do contingente militar ou ao confronto entre dois

² Título do manual militar atribuído ao rei D. Sebastião (Barbosa Machado, 1752, p. 677).

exércitos, mas consistiu num modelo de ocupação territorial com regras específicas (Sousa, 2008), que se aproxima de outras actividades dedicadas à modelação do espaço, como arquitectura e urbanismo.

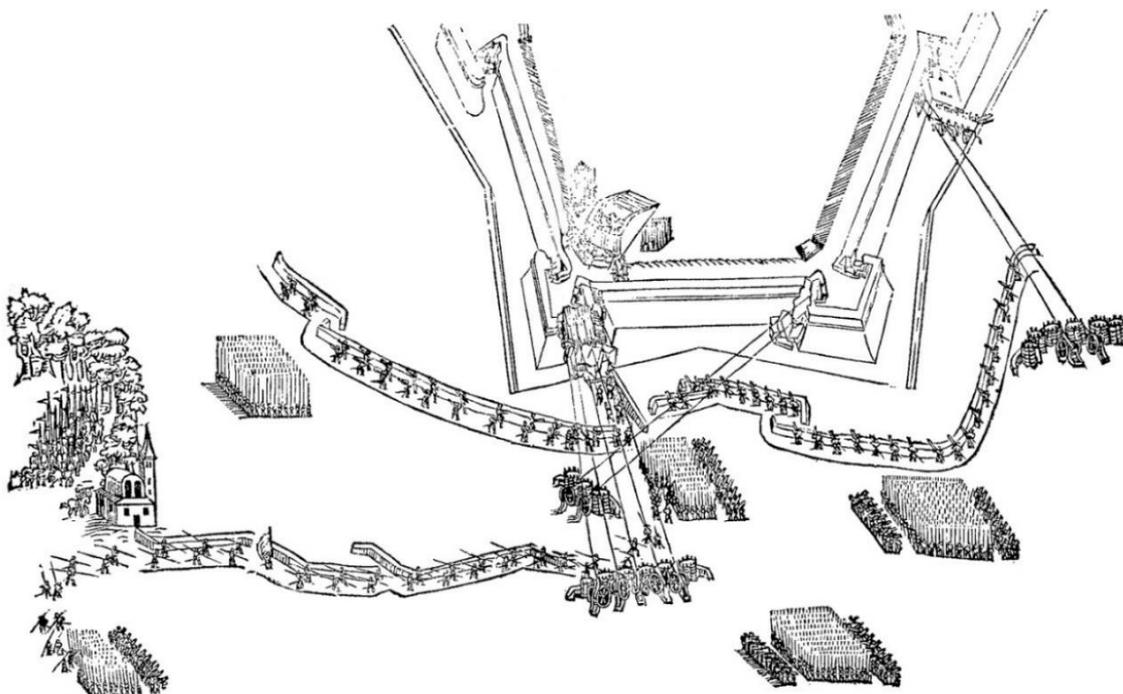


Imagem 2: Girolamo Cataneo, “Opera nuova di fortificare, offendere, e difendere”, Brescia, 1564.

O manuscrito de Stefano Angarano assume uma forma invulgar pela maneira como articula o conteúdo textual e gráfico. Esta ligação estreita entre escrita e imagem foi desenvolvida, de forma sistemática, em grande parte da tratadística quinhentista, cujo produção impressa teve o seu epicentro em Itália (López, 2001). A tradição clássica encontra-se igualmente presente desde o início do surto editorial, que afinal assinala o ambiente intelectual desde meados e finais do “Quattrocento”, isto é, o reconhecimento da utilidade do passado militar da Grécia e (especialmente) Roma na formação do soldado da época (López, 2001). A componente gráfica, apesar de ausente em muitos impressos, desempenha um papel formativo – pedagógico, porque auxiliares na compreensão da palavra escrita – noutros tantos trabalho como os de Giovan Batista Della Valle (1521) – contemporâneo de Machiavelli e precursor deste género de literatura –, Girolamo Cataneo (1563), Girolamo Maggi (1564) ou Giovanni Batista Cicogna (1567) (Sousa, 2015, pp. 183 e ss.).

A componente gráfica da “Relatione” consiste, assim, num aspecto particularmente significativo. Além de ser uma peça pouco comum em testemunhos presenciais, trata-se do registo gráfico regista os três momentos definidores da vida útil de um exército quinhentista, a saber, o acampamento, a marcha, e a batalha (Sousa, 2018, pp. 49 e ss.). É, portanto, um registo dinâmico em jeito de narrativa, do qual temos um dos primeiros exemplos na conhecida gravura de Albrecht Dürer; influência que, diga-se, se estendeu às representações posteriores, como as ilustrações de Políbio da autoria de Andrea Palladio (Beltramini, 2009, p. 67), destinatário do testemunho de Angarano.

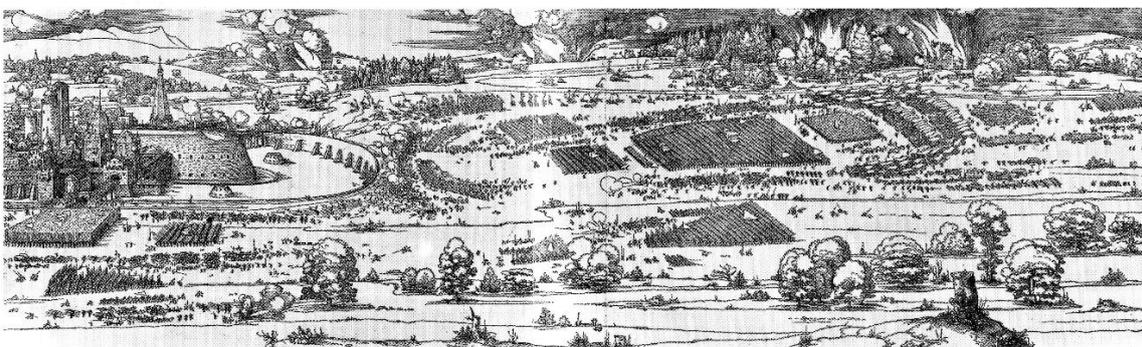


Imagem 3: Albrecht Dürer, *Cercos a uma cidade*, 1527.

A fita temporal da “Relatione” abarca três fases distintas da organização espacial do exército, o acampamento inicial, a organização da coluna de marcha, e a disposição do(s) exército(s) em Alcântara, às portas de Lisboa. Vários manuais da época, em particular aqueles que foram escritos por gente prática da guerra, associam estas três fases à própria função da hierarquia militar superior associada ao “gobierno” do exército – o “gobierno del orden en el marchar, alojar y peleyar” (Valdés, 1989, p. 35): “the cumulative impact of the movement and actions of this great conglomeration of violent strangers [...] which established and principally defined the nature of war’s presence in any theatre of operations” (Wood, 2002, p. 237).

2. A cidade militar

O acampamento de Cantillana

Además de mujeres, niños y lacayos, podían encontrarse entre ellos diversos artesanos, como carpinteiros, ruederos y herreros, amén de vivandeiros (vendedores de alimentos y bebidas), prestamistas, curandeiros, veteranos y toda la suerte de parasitos. Aquel colectivo formaba una verdadeira comunidade, la

sociedad del ejército de la Europa de la Edad Moderna temprana (Martines, 2013, p. 170).

O conjunto do exército, esse aglomerado de “gente violenta” que fere o território e as gentes que o ocupam, possuía uma organização própria, da qual os espanhóis estiveram na vanguarda. Como se sabe, adoptaram um modelo de enquadramento dos soldados cuja orgânica perdurou, com alterações de detalhe mais do que de substância, ao longo de mais de um século. Este modelo foi plasmado nas unidades militares mais famosas da época, os “tercios”, que atingiram a forma canónica por volta dos anos 30 do século XVI. Estas unidades possuíam um efectivo teórico de 3.000 homens, distribuídos por 12 companhias, constituindo-se como micro-sociedades. Desenvolviam-se aqui lealdades próprias entre os seus membros, quase relações de parentesco, que se estendiam, transversalmente, a toda a cadeia hierárquica (Quatrefages, 1979). Era frequente os exércitos aglutinarem vários destas unidades militares, atingindo assim dimensões verdadeiramente excepcionais. Com o núcleo duro formado por uma ou mais das unidades permanentes criadas desde 1536 – os chamados “tercios viejos” –, juntavam-se outros “tercios” de recrutas, os chamados “bisonhos”, e ainda os “regimentos” de mercenários alemães (os portugueses chamavam-lhes “tudescos”) e “coronelas” de italianos. Acrescia, finalmente, a multidão dos acompanhantes, a que alguns estudos atribuem um rácio de 1:1, ou seja, um acompanhante por cada soldado (Martines, 2013, pp. 170). Assim, um exército de 10.000 homens, cifra atingida sem dificuldade na maior parte dos reinos da Europa de então, facilmente se convertia numa multidão de 20.000 almas.

Tratando-se de alojar uma população considerável para qualquer padrão europeu da época, a construção do acampamento militar consiste, necessariamente, num exercício de urbanismo. Aqui, como em tantas outras vertentes da cultura Quinhentista, também se encontra reflectida a tradição da Antiguidade, nomeadamente os modelos romanos; o termo que designa esta actividade, “castrametação”, provém do latim, “castra” (acampamento) e “metati” (medir) (Corvisier, 1988, p. 150). O próprio nome atribuído aos especialistas encarregados do assentamento do exército, “assentadores” ou “metadores” (Merino Peral, 2002, pp. 235-236), encontra-se ligado a esta mesma etimologia associada à medição territorial, oriunda da “agrimensória” da época romana (Arévalo, 2002, pp. 21-34). A metodologia de construção do acampamento militar sedimentou-se sobre a leitura ininterrupta dos dois autores da Antiguidade romana, Vegécio para a arte militar, e Vitruvius na arquitectura. Estes dois textos “de re militar” e “de re architettura” resumem a

castrametação a dois modelos genéricos (O'Donnell, 2007, p. 384): os acampamentos provisórios, os *castra* “aestiva”, destinados aos alojamentos diários construídos durante a marcha do exército e os “*castra hiberna*” ou “*stativa*”, destinados ao alojamento de inverno (Vegécio, 2009, n. 159). As referências explicativas mais ou menos genéricas de Vitruvius e Vegécio completam-se com outras descrições muito mais detalhadas, como as que constam nos *Comentarios* de César e, especialmente, em Políbio.

A recepção de Políbio foi idêntica ao caso de Vitruvius. O texto de arquitectura formador da tratadística moderna sobre a coisa da arquitectura, escrito por Alberti, consiste numa leitura do texto fundador de Vitruvius. E assim sucedeu como os autores que lhe seguiram, como Daniele Barbaro ou Cesare Cesariano, cuja diferença relativamente ao modelo foi a inclusão de imagens. Da mesma forma as leituras modernas de Políbio diferiram na interpretação gráfica do conteúdo original, adquirindo um valor próprio intrínseco, qual sobreposição de velaturas, transformando-se por sua vez em obras exemplares (Pezzolo, 2009, pp. 240-253). Assim, no primeiro tratado “de re militar” impresso do século XVI, a “Arte de la guerra” de Nicollò Macchiavelli (1521), propõe-se o primeiro diagrama interpretativo do acampamento romano provisório segundo Políbio (Fiore, 2017, pp. 191-192), ponto de partida para as versões posteriores. Guillaume du Bellay (1548), Guillaume du Choul (1555), Gabriele Simeoni (1558), dedicaram passagens extensas ao acampamento romano (Fiore, 2017). Sebastiano Serlio, arquitecto e tratadista bolonhês ao serviço de Francisco I de França, seguiu nesta esteira, imponto nova carga gráfica que reinterpretou os textos clássicos: “La castramentazione di Polibio, per quanto la interpretano alcuni, quantunque ci siano varie opinioni” (Fiore, 2017, p. 196). Apenas no início do século XVII, o matemático Simon Stevin lhe dedicou um texto específico, “Legermeting”, no qual apresenta a forma clássica do campo romano, e a adaptação deste modelo resultante da sua experiência ao serviço das Províncias Unidas.

Em Espanha, a leitura do acampamento romano inicia-se a partir do texto da Maquiavel pela pena de Diego de Salazar, soldado às ordens de Gonçalo de Córdoba durante as guerras de Itália (Salazar, 1536). Uma das passagens reproduz uma exposição oral sobre o acampamento militar que o “Gran Capitán” proferiu perante D. Francisco de Lara (Merino-Peral, 2002, p. 227). Curiosamente, outra palestra sobre o mesmo texto “castramentatio” de Políbio teve lugar 10 anos depois, no palácio de Fontainebleau; desta vez, pelo filho de Lorenzo Strozzi, a quem Maquiavel dedicou o seu tratado (Paolo Fiore, 2017, pp. 192-193). A associação dos Strozzi na divulgação de Políbio, associando a exposição pública com a autoria da primeira tradução impressa italiana,

transformou a corte francesa num importante foco de disseminação deste texto. Em 1548 é publicada a primeira edição das “Instructions sur le fait de la Guerre”, no qual podemos apreciar novas interpretações gráficas, com diferenças significativas em relação aos diagramas de Maquiavel e Salazar.

A versão mais notável do acampamento romano descrito por Políbio foi a reconstituição gráfica executada por Sebastiano Serlio, cuja encomenda terá surgido quando da exposição de Strozzi; os desenhos, sobretudo a interpretação do acampamento aplicada ao traçado de uma cidade civil, seriam destinados a Francisco I, que pretendia refundar duas cidades, Vitry-le-François (no Marne) e Villefranche-sur-Meuse (Paolo fiore, 2017, p. 193). As “Instructions” foram depois traduzidas em italiano (1558). Nova edição, desta vez em espanhol, foi publicada em Barcelona pelo editor de origem francesa Claudio Bonat (1566), com tradução do humanista Diego de Gracián de Alderete (Diaz Moreno, 2006).

Do conjunto de obras que referem a forma de alojar o exército, o “Epitomi dela manera de alloggiare un campo” (1560) propõe uma abordagem inovadora. Este texto, integrado no conjunto de três que versam a “fortificatione moderne” e o “tratatto del’artiglieria”, foi o primeiro dedicado exclusivamente à castrametação, propondo uma aproximação crítica ao modelo de implantação romano adaptado à prática operacional. O autor, Giovanni Battista Antonelli, teve uma longa carreira militar ao serviço de Filipe II. Veterano de várias campanhas militares desde meados do século, acumulou funções como “ynginiero militar y de alojar exército” durante as guerras no Piemonte, participando nas operações de guerra que culminaram na batalha de São Quintino (1557), que serviram de base para a redacção do “epitoma”. Este texto junta a influência dos tratadistas contemporâneos, nomeadamente aqueles dedicados à fortificação e como Pietro Cataneo (1554), Giovanni Battista Zanchi (1554), Giacomo Lanteri (1557 e 1559), e Giovan Battista Beluci (1595), mas também as obras dos autores clássicos como Vitruvio, Políbio e Vegécio (Echávarri, 2014, pp. 113-134). O alojamento do exército imperial entre Amiens e Dourlens (1557), apresentado no *Epítomi*, o articula o modelo teórico com a topografia existente, “consoante as necessidades do lugar”. Antonelli, foi um dos engenheiros militares que participaram na campanha de anexação de Portugal (1580), juntamente Jacome Fratin (Câmara, 1998, p. 98), e é de crer que foi o responsável pela construção do acampamento espanhol construído em Cantillana. A localização do “Real” descrita nas várias relações e relatórios da campanha, é confirmada por Angarano: “si allogio lontan da Badagioz circa una Lega sul fiume detto Xevora” (Angarano, 1580, p. 373). O desenho que acompanha a “Relatione” identifica o rio Gévora (com três braços) e a ponte de Cantillana construída por Gaspar Méndez, arquitecto da cathedral de Badajoz.

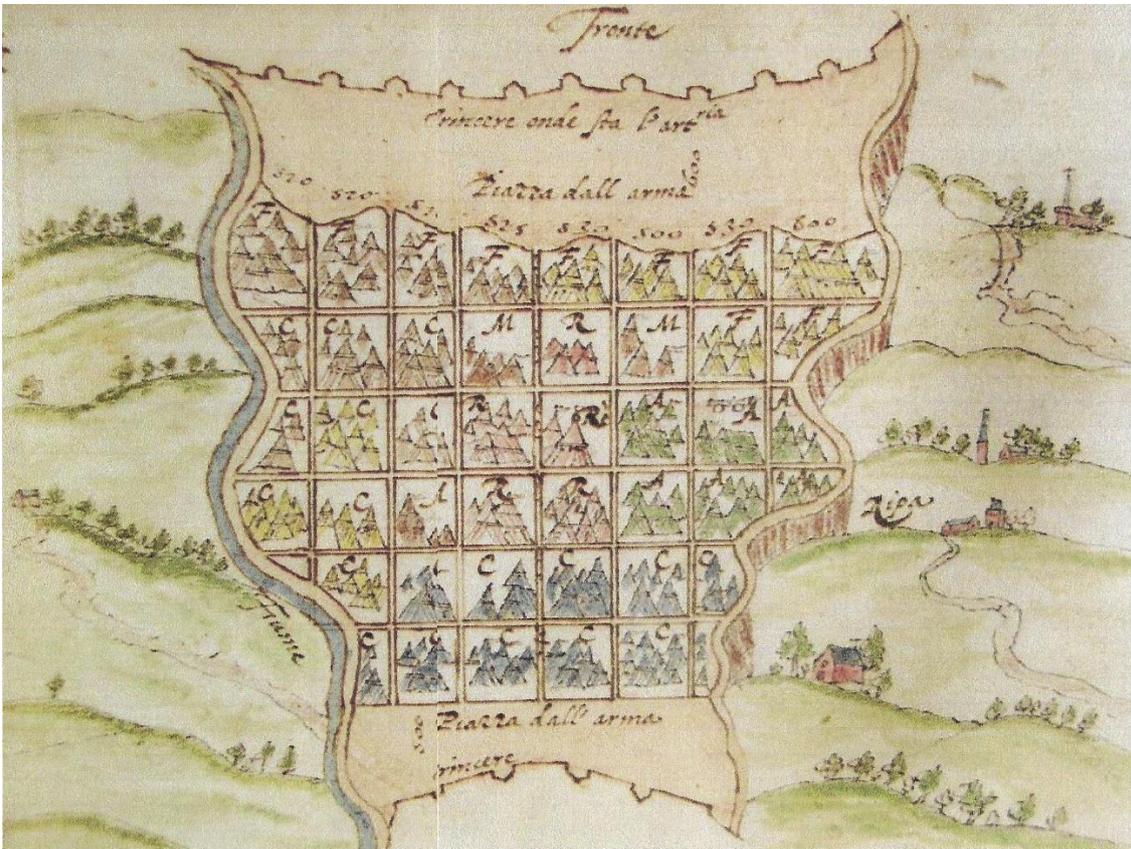


Imagem 4: Giovan Battista Antonelli, “Epitomi dela manera de alloggiare un campo”, fol. 134r.
 Museo del Ejército, ME (CE) 44.100.

Estes pontos de referência perduram no território a ponte, o rio Gévora, o seu afluente principal “arroyo Bermejo” e outros dois seus afluentes, “de los Enviciados” e “Grulla”. Orientando o desenho de acordo com a legenda principal a Poente, a base do acampamento fica alinhada com o rio Gévora, que corre na direcção Norte-Sul, desde a ponte até aos “arroyos”. A Sul e Oeste abre-se o campo, permitindo desenvolver um ângulo recto.

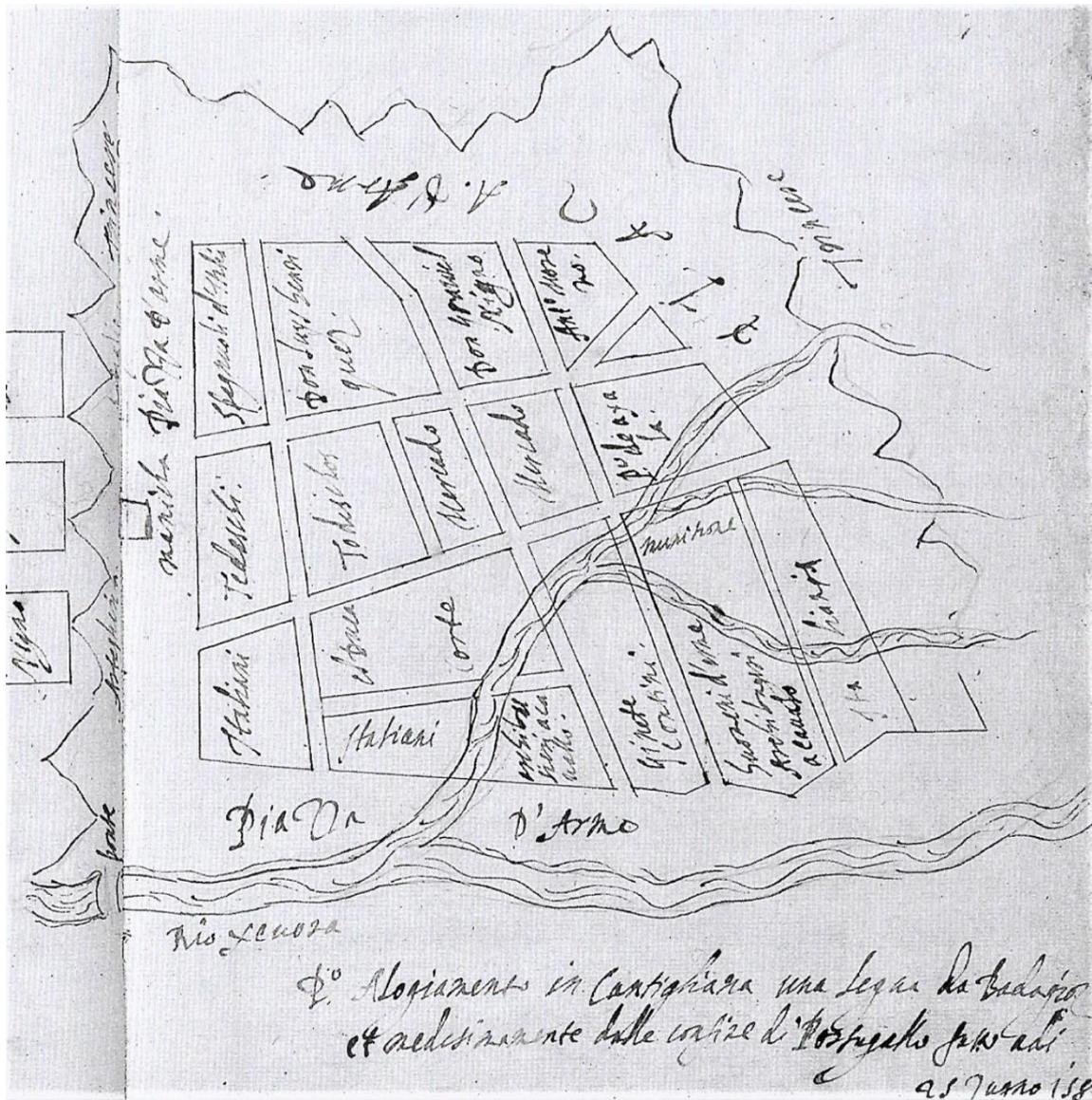


Imagem 5: O acampamento de Cantillana. Segundo Stefano Angarano.

Legenda, da esquerda para a direita, cima para baixo:

1º arruamento, “Spagnuoli d’italia, tedeschi, italiani”; 2º arruamento, “Don Luis de Henriques, tedescos” (na direita, “mercado”), “il duca” (na direita, a “corte”), “italiani” (na direita, “archibugieri a cavallo”); 3º arruamento, “Don Graviel Nigno; mercado, ginete contini; 4º arruamento, Antº Moreno, Pº de Ayala, Huomini d’armi, archibugieri a cavallo” (na direita, “munizione”); “italiani”.

O local escolhido é estratégico: suficientemente perto de Badajoz, a pouca distância da fronteira portuguesa do rio Caia, com um vasto território onde desdobrar as tropas. Implantado sumariamente o desenho no terreno, conclui-se que o acampamento ocuparia uma área que poderia variar, entre 4-4,5 km².

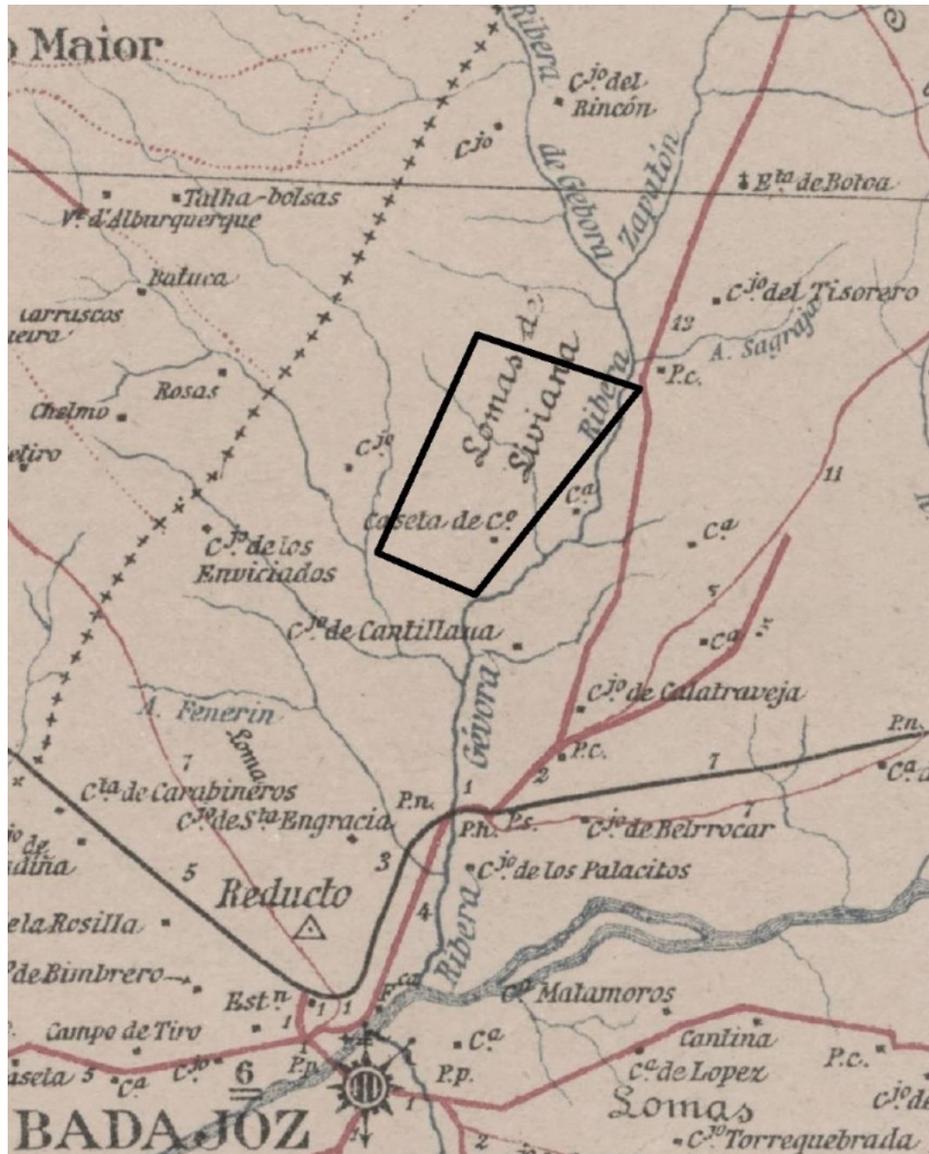


Imagem 6: implantação do acampamento espanhol de 1580 na cartografia actual

A configuração irregular do acampamento desenhado por Angarano parece afastar-se das interpretações de Políbio; situação aparente, porque observado o lado sul e oeste verificamos a ortogonalidade do desenho. Facilmente se conclui a existência do rio Gévora distorce o modelo quadrangular em virtude da necessidade de implantar o acampamento junto de cursos de água. A tradição romana está, por isso presente, até porque a adaptação do modelo às condições

como sendo a “porta praetoria”, por se localizar junto do local de comando, deslocada da posição canónica para beneficiar de uma localização próxima da ponte. A “via quintana”, o arruamento que intersecta a “via principalis”, a “via quintana”, situa-se, como o indica Políbio, no meio dos lotes atribuídos a cada um dos “tercios”:

Between the fifth and sixth squadrons of cavalry, and the fifth and sixth maniple of infantry, there is a space of fifty left, so that another road is made across the camp at right angles to the others and parallel to the tents of the Tribuni, and this they call the Via Quintana, as it runs along the fifth squadrons and maniples. (Shuckburgh, 2013, p. 215).



Imagens 8 e 9: identificação do local de comando, mercados, munições e vias no acampamento espanhol de 1580.

O vínculo mais evidente deste desenho encontra-se, naturalmente, no “epitomi” de Antonelli. Tendo-se proposto ao sobreano espanhol em função do conhecimento do território e defesas, “por la noticia que tengode la tyerra y de las cosas de la guerra, en particular de alojar un exercito” (Sartor, 2009, p. 359, n. 238), protagonizou os episódios militares cruciais da “jornada” de Portugal. Os vários exemplos propostos no manuscrito de Antonelli possuem estão organizados em função de uma rectícula ortogonal, que se encontra distorcida no acampamento de Cantillhana, como aliás noutras situações. A este propósito, a acomodação dos modelos teóricos em função das “necessidades do lugar”, Angarano refere o castelo do Outão, “fabricato alla moderna com bellovardi in forma quadramgulare (Angarano, 1580, p. 375); de facto, ainda que o modelo teórico deste forte um quadrado, a implantação na difícil

topografia – “l’asperezza del monte” (Angarano, 1580, p. 375) – traduziu-se na distorção dos três lados desta figura geométrica... afinal, a relação entre teoria e prática, tão cara ao Renascimento.

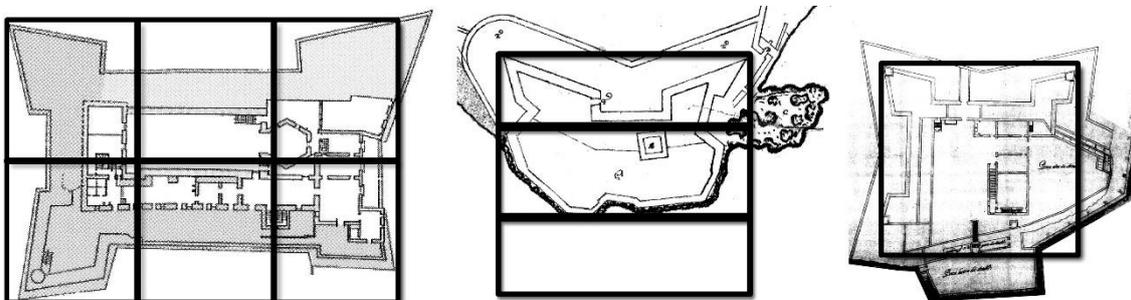


Imagem 10: distorção à configuração geométrica nos fortes de São João da Foz (c. 1570), Santiago do Outão (1572) e São Sebastião da Caparica (1569-1572).

No caso do acampamento de Cantillana, apesar da subversão da ortogonalidade face os acidentes topográficos, a estrutura interna é idêntica. A “piazza dall’arma” deste “alloggiamenti”, situa-se na “parte che guarda verso il nemico, o per dove egli possa venire” (Antonelli, 2009, p. 354), isto é, nas frentes Norte-Oeste-Sul (Imagem 5). Estas faces do acampamento, mais expostas, encontram-se defendidas por uma trincheira - “circondandone il campo ed attrave[r]sandoli nelle più facile entrate” (Antonelli, 2009, p. 353). As “due stradi [...] sia egualmente diviso in quattro altri quadri” (Antonelli, 2009, p. 354), coincidem também com a configuração geral do acampamento de Cantillana (Imagem 10). O “epitomi” e a “relatione” coincidem – grosso modo – na posição dos aquartelamentos das tropas, a infantaria estacionada nos locais mais expostos (cf. Imagens 4 e 5).

3. Coreografia da guerra

A ordem de marcha do exército espanhol

Com mais uma década de experiência no reconhecimento e representação do território, e vasto tirocínio em questões de fortificação (Cámara, 1998, p. 212), Antonelli ocupou-se do registo das defesas em Portugal. Foi este seu trabalho, juntamente com outros “espias” como Juan Batista Gésio e Filippo Terzi serviu de base ao itinerário de invasão. Mas o papel de Antonelli não se limitou à sondagem das defesas, pois também protagonizou algumas das operações militares cruciais da campanha, nomeadamente os cercos do forte do Outão e de São Julião da Barra. O tratadista Cristóbal de Rojas estabelece a analogia

entre formatura de batalha dos soldados – que designa, utilizando a nomenclatura da época, por “escuadrón” (cf. Sousa, 2007 e Merino-Peral, 2002, pp. 127-138) – e uma fortificação, analogia que resume o “largo espaço” em que se desenvolvia a guerra, fosse na defesa e assalto das fortificações: ou no confronto entre exércitos:

[Escuadrón] No es outra cosa, sino una fortificación muy complida, porque la frente del escuadrón de las picas significa la cortina, o lienço de la muralla, y los travesses o flancos, son las mangas de arcabuzeros, y las casamatas son las mangas de mosqueteros, que están a cada lado, entre los arcabuceros (Cámara, 1998, p. 222).

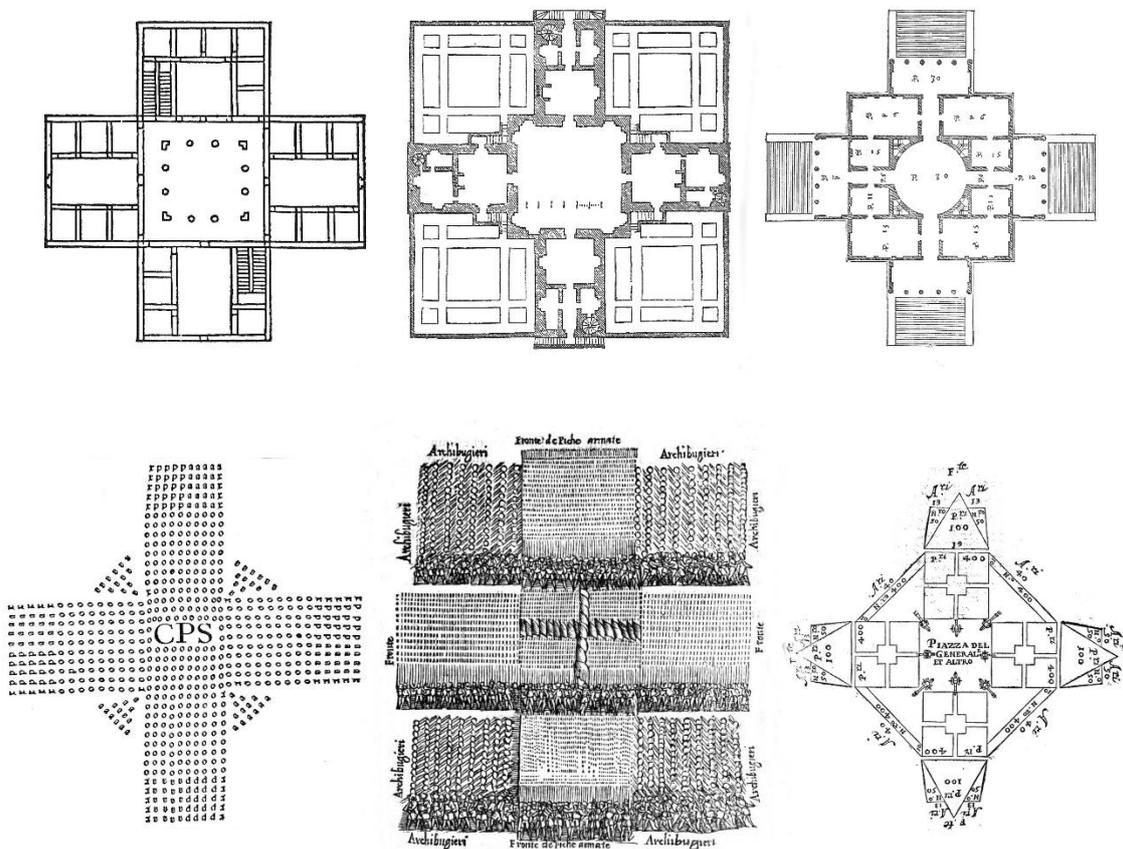
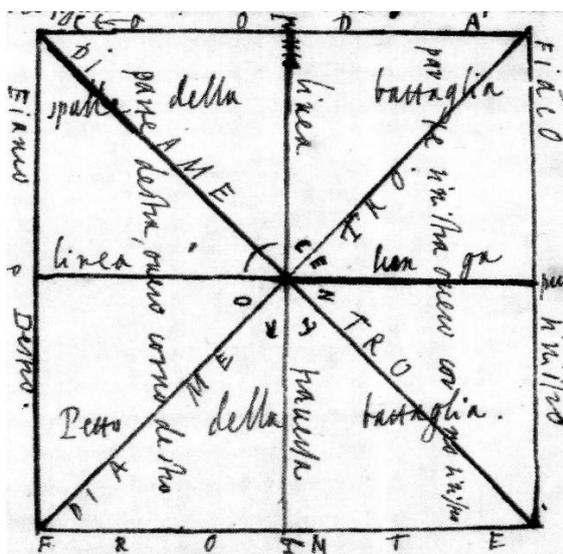
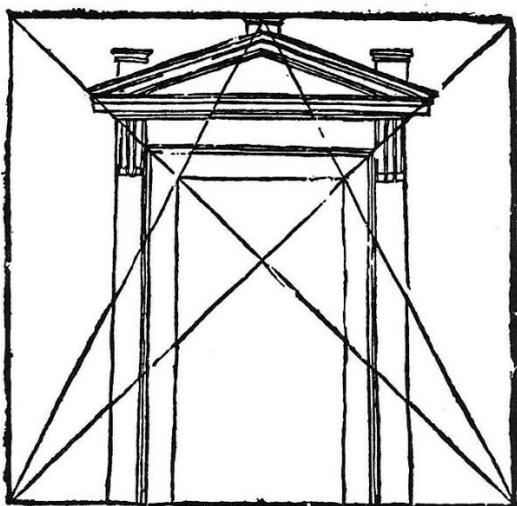


Imagem 11: plantas quadrangulares para edifícios e “escuadrões”, Pietro Cataneo (1554), Jean Cousin (1560) e Andrea Palladio (1570), Diego de Salazar (1536), Francesco Ferretti (1569) e Giovanni Altoni (1604).

Esta analogia reflecte o cruzamento entre a arquitectura e a vertente tática da guerra, isto é, a colocação dos soldados no campo de batalha. A organização das formaturas militares – na época designava-se por “ordenar os esquadrões” – implicava a observância de um conjunto de regras, juntando as novidades

bélicas da época, a influência da antiguidade clássica, cálculos matemáticos, operações de geometria euclidiana e métodos de composição transpostos das artes. Trata-se de um processo que se intersecta com a concepção arquitectónica no âmbito de uma “poética da ordem” (Tzonis - Lefaivre, 1999), e cuja face mais visível e imediata se pode encontrar na transversalidade dos modelos gráficos veiculados na tratadística quinhentista, seja “de re militar” ou “de re aedificatoria”.



Imagens 12: Construção geométrica de um pórtico, Sebastiano Serlio (1575) e linhas notáveis da construção geométrica de um esquadro, Valerio Chieragatti (c. 1574?).

A matemática, como matriz da ordem de toda a realidade tangível, associada à observância de uma geometria rigorosa, encontra-se no cerne do método para construir os “esquadrões” (cf. Quatrefages, 1979, pp. 114-122, e Sousa, 2007, pp. 295-312). A dimensão de cada lado da forma rectangular de um “esquadro” era determinada pela raiz quadrada do total de soldados disponíveis. Os capitães, cabos de esquadra, bandeiras, tambores, etc., ocupavam esta malha ortogonal em função de princípios de simetria, e utilizando as linhas notáveis da figura geométrica em causa. Da mesma forma que se adornava uma fachada com os elementos arquitectónicos – colunas, frontões, etc. O exército, constituído por vários “esquadrões”, era construído de acordo com as mesmas disposições, tornando o conjunto geometricamente coerente.

É difícil determinar qual o papel dos arquitectos e engenheiros militares neste processo. Tratando-se de um tema essencialmente militar, logicamente que o protagonismo seria atribuído aos soldados, e são várias as referências coevas à tomada de decisão sobre a formatura a adoptar para enfrentar os

inimigos (Valdés, 1989, p. 44), tratadista e veterano das guerras da Flandres, ou durante as expedições marroquinas de D. Sebastião em 1574 (Sousa, 2019, p. 317) e 1578 (Sousa, 2015, pp. 27-299). Porém, a campanha de 1580 diverge – poder-se-ia dizer que completa o panorama – pois sabemos que Antonelli desenhou a coreografia de, pelo menos, uma das quatro paradas que tiveram lugar em Cantillana. Um aspecto particularmente interessante, referido no “epitomi”, é dar-nos a conhecer que a implantação dos aquartelamentos dos diversos contingentes podia ter uma estreita relação com a respectiva posição na coluna de marcha. “Presuponesi quest exercito [...] servirassi dei nomi di vanguardia, battaglia et retroguardia per alloggiare, como se ne serve nel marciare ety nel combater” (Antonelli, 2009, p. 354). O que vem colocar a participação dos “engenheiros” militares no processo decisório num perspectiva bem concreta.

Marchar em formação possuía uma função de treino. A forma de incorporar um recruta sem experiência no conjunto do exército seria adestrá-lo nos movimentos colectivos das grandes formações militares (Parker, 2004, p. 10). As paradas e demonstrações militares do género dos episódios de Cantillana, enquadram-se neste âmbito, associando a função militar mais estrita com um carácter ostentatório do festival. As “mostras” e as paradas não possuem a urgência ou o objectivo imediato de cumprir uma função militar imediata, como sucede com as colunas de marchas. Ainda assim, encontramos traços da tradição Clássica no seu imprescindível planeamento para levar a cabo uma campanha militar bem-sucedida. Uma passagem do inevitável Vegécio enquadra a importância desta fase da guerra: “é habitual que os perigos surjam em maior número durante a marcha do que no próprio combate” (Vegécio, 2009, p. 269).

A construção da coluna de marcha devia acautelar estes perigos, que Políbio particulariza quando se tratava de atravessar território hostil (Shuckburgh, 2013, p. 28). Políbio sugere desdobrar a coluna em três colunas paralelas, caso o terreno o permita (Shuckburgh, 2013, p. 28); trata-se, afinal, de facilitar a construção da ordem de batalha e atalhar surpresas. Os espanhóis recorreram com frequência a este expediente, nomeadamente na campanha da Hungria e da Frísia (Shuckburgh, 2013, p. 28); Francisco de Valdés também descreve esta organização na batalha de Mook (Valdés, 1989, p. 44); em Alcácer Quibir, o exército de D. Sebastião “sargenteado” por Francisco de Aldana – protegido do duque de Alba –, fez a marcha de sete dias, formado para dar batalha (Sousa, 2015, pp. 300-302). Para além destas indicações, Vegécio e Políbio descrevem a organização da coluna que os romanos utilizavam desde finais da República (Vegécio, 2009, p. 440): “primeiro os cavaleiros, depois os peões; as bagagens, as

bestas de carga, os serventes das carroças devem seguir no meio, de forma a que as tropas ligeiras de peões e de cavaleiros venham a seguir” (Vegécio, 2009, p. 273). Esta configuração permitia à coluna enfrentar qualquer ameaça que se desenvolvesse pelo lado direito ou esquerdo, sem que a posição das bagagens interferisse nas movimentações dos soldados para responder ao combate (Shuckburgh, 2013, pp. 28-29).

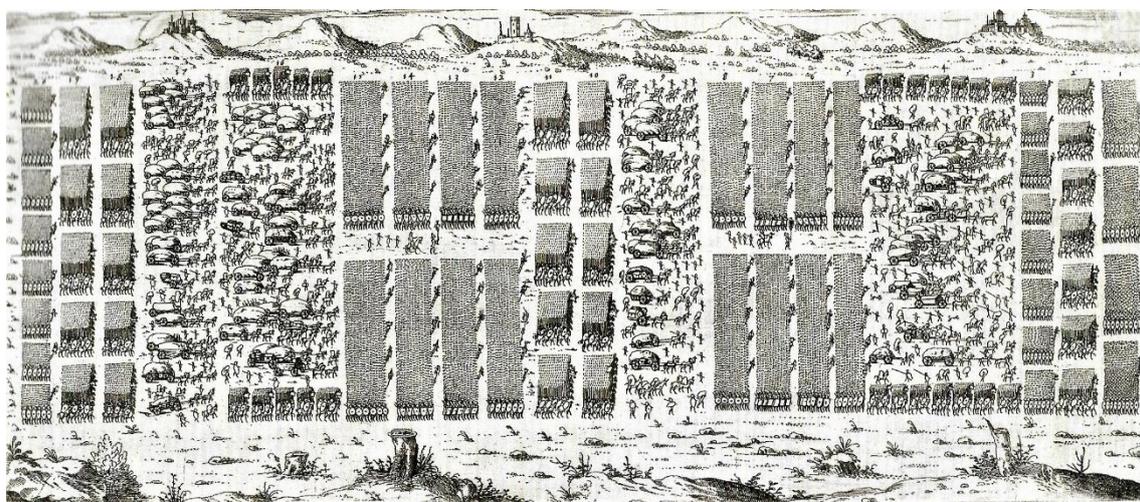


Imagem 13: Legião romana em marcha, in Giovanni Franco, *Gl'ordini della militia romana*, Veneza, 1573.

[Campo] 'Real', 13 de Junho

Instalado em Badajoz, Filipe II, deslocou-se ao acampamento, situado a “uña légua pequena de Badajoz” (CODOIN, v. XL, pp. 316-322). O local foi previamente preparado para receber o rei, tendo sido construído “un cadaalso cubierto com ramas y entapizado en el aposento que hacia debajo dél com cueros e tapices (CODOIN, *ibi*, p. 316). Os membros da família real – SS. MM., e rainha nuestra señora, o príncipe cardenal [Alberto]; as infantas, e a condessa de Paredes y de Barajas”, Inés Manrique de Lara y Manrique de Lara (Sicard, 2014), “com las damas” acomodaram-se em função da respectiva posição na corte. A forma como os membros da corte se instalaram no “cadaalso” é curiosa em relação com outras situações, nomeadamente no Portugal da época joanina, tal como descrito nno texto “Das cortezias q fazião os Reys de Portugal quando erão visitados” (*Movimento do Orbe Lusitano*, BN Ajuda, cod. 50-V-35, pp. 418-419v.). A este propósito tem foi referido algum paralelismo entre a forma como se ocupa o espaço – físico – cortesão ibérico, remanescente de uma tradição mudéjar (Moreira, 1995, p. 363): a utilização de tapetes, ou a posição de assento dos

membros da corte mais jovens, a infantas, “en almohadas” (CODOIN, v. XL, p. 316) O duque de Alba alojou-se ao lado do palanque, portanto em posição inequivocamente subsidiária do rei, mas manifestamente preponderante no que respeita à direcção da coreografia militar em causa, pois desta posição transmitia as suas ordens aos oficiais das tropas (CODOIN, *ibidem*): os soldados do contingente de cavalaria, intercalados pelos “soldados viejos do tercio de Sicilia Lombardya” (CODOIN, *ibi*, p. 319), cujo desfile se prolongou pela tarde com os soldados “bisonhos do tercio de D. Luís Enriquez” (CODOIN, *ibi*, p. 320).

“Real” (perto de Cantillana?), 16 de Junho

Não temos informação desta “mostra” para além da breve referência: “volverá S. M. el juéves 16 deste campo donde estará toda la caballería y infanteria puesta en escuadron” (CODOIN, *ibi*, p. 322). Esperava-se a chegada do resto do contingente nesse dia, os mercenários italianos de Pedro de Medicis, e os alemães de Gerónimo de Lodron; o rei poderia então apreciar o exército formado com o efectivo completo. Não temos registo da segunda “mostra”, mas a parada final – antes de iniciada a invasão – pode servir como exemplo, dados ter envolvido a totalidade dos efectivos militares do exército espanhol.

“Mostra” em Cantillana, 27 de Junho

A parada de 27 de Julho é a única – da campanha de 1580 – cujo desenho se pode atribuir a Antonelli. Podemos confrontar três fontes distintas, Angarano, a “carta de Badajoz de 27 de junio” (CODOIN, v. VII, pp. 306-308), e Herrera (Herrera, 1591, pp. 88v-90v), e todas são coincidentes na descrição geral da formatura. Evidentemente que os vários textos se complementam, mas é curioso notar que Herrera, cronista tardio de uma década, esmiuçou os detalhes militares mais ásperos. Segundo Herrera, Antonelli entregou um desenho ao rei, “un papel en que estava traçado este exercito de la manera que yua ordenando camiñado”(Herrera, 1591, p. 90); podemos suspeitar que foi este *papel* que serviu de base ao desenho da “Relatione” de Angarano.

A descrição que Angarano faz desta coreografia sintetiza a organização básica do contingente apeado do exército, repartido em “vanguardia, bataglia e retroguarda” (Angarano, 1580, p. 373). A divisão do exército em três partes, com raízes numa tipologia genérica comum na época medieval, continuou a desempenhar um papel importante no contexto da arte militar hispânica, desde Ravena (1512) até à batalha de Nieuwpoort (1600). Privilegiava-se a densidade e profundidade das formaturas tácticas, meios para desenvolver uma maior disciplina em condições de combate, em paralelo com o empenho de soldados profissionais dos “tércios” permanentes da Sicília, Lombardia e Nápoles. A

No acampamento: linha no topo, 1º arruamento, “Spagnuoli d’italia, tedeschi, italiani”; 2º arruamento, “Don Luis de Henriques, tedescos”, “italiani”; 3º arruamento, “Don Graviel Nigno; 4º arruamento, Antº Moreno, Pº de Ayala.

Na parada: na vanguarda, “italiani, tedeschi, spagnuoli d’italia”; batalha, “Don Luis de Henriques; retaguarda, Don Graviel Nigno; Pº de Ayala; Antº Moreno.

“Mostra” em Portugal, 29 de Junho

A quarta “muestra general” teve lugar três dias depois da saída da Cantillana; o local escolhido foi a “media lleua”, já em território português (CODOIN, *ibid.*). Com a principal praça da fronteira segura, Elvas, esta “mostra” não teria o mesmo objectivo das precedentes. Preparava-se o movimento seguinte na direcção do “Pueblo” de Estremoz, “muy bueno e forte que no se ha querido dar”, mas sem mais detalhes sobre o exercício que uma breve descrição: “pasaron [os soldados] como se lel enemigo los estuviere aguardando: disparói la artillería y arcabucería, que fué mucho de ver” (CODOIN, *ibid.*). Tratou-se, portanto, de uma clara demonstração do poder de fogo das tropas.

4. O exército em marcha: itinerário Cascais-Alcântara

El ejército de tierra vay caminando com fin de tomar á Setubal lo primeiro, donde acudirá luego la dicha armada [...] y de la gente que fuere en el ejército de tierra, á su tiempo se meterá en la armada de mar la necessária para acometer lo de Lisboa (CODOIN, v. XXXIV, p. 337).

O caminho para Lisboa iniciou-se com as operações de ocupação da península de Setúbal, conseguida depois de rendido o forte do Outão, o único local que opôs uma defesa sólida à progressão dos espanhóis. Antonelli foi protagonista do assédio, quando fez deslocar duas peças de grande calibre para uma plataforma dominante, donde bateu a posição antonina e provocou a sua rendição. Não é por acaso que a “Relatione” dedica a este episódio uma extensa memória (Angarano, 1580, pp. 375-376), mais longa do que mereceu o cerco ao forte de São Julião da Barra, o *escudo do reino* - nas palavras de Angarano, “la principale fortrezza di quel Regno”. O desenho mais divulgado do manuscrito representa esta fase crucial da guerra, e descreve o itinerário do exército a caminho de Lisboa depois do desembarque no Ramil, no dia 29 de Julho, e os locais depois sujeitos a assédio: Cascais, fortaleza de São Gião (São Julião da Barra), o forte de madeira da Cabeça Seca (Bugio), a Torre de Belém e, finalmente, a batalha decisiva de toda a campanha, que foi travada na ribeira de Alcântara, às portas de Lisboa.

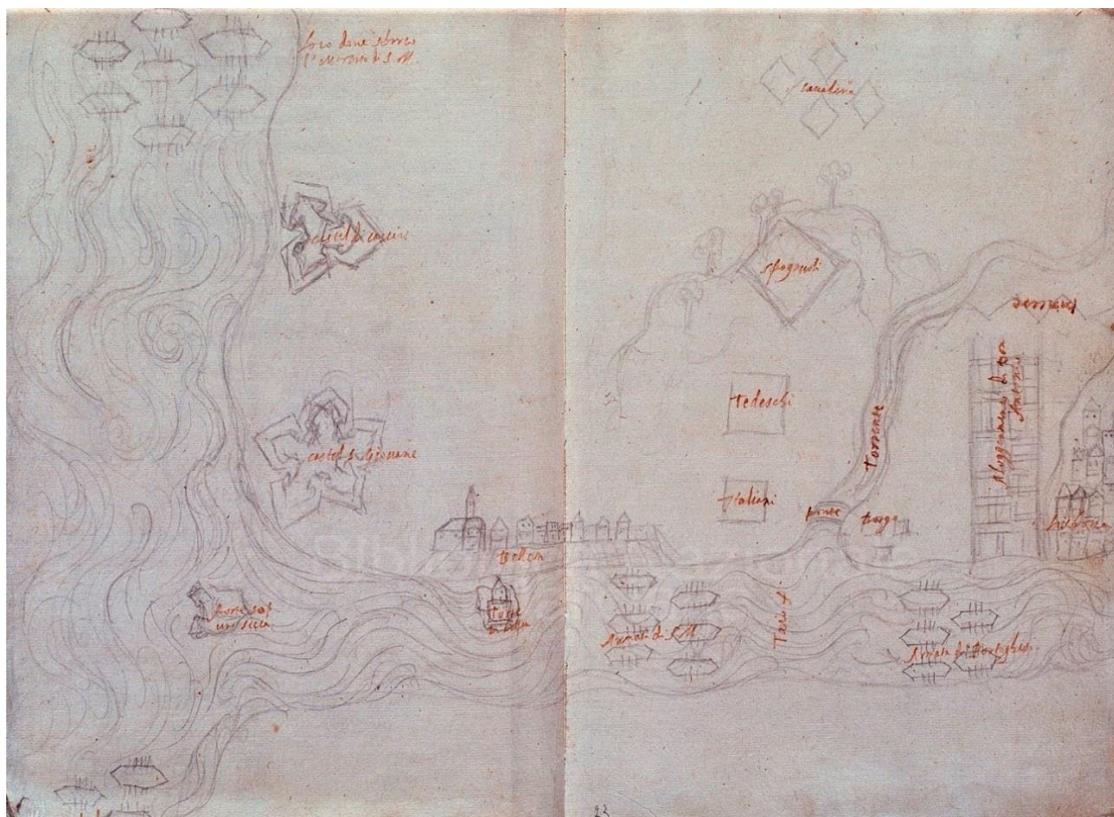


Imagem 15: *Relatione do Co. Stefano Angarano de la guerra di Portogallo L'anno 1580*, Biblioteca Marciana de Venezia, cod. It. VI 181 (=5841), fls. 22-23.

1 de Agosto: Conquista de Cascais.

A povoação de Cascais é representada com um forte regular triangular. É interessante sublinhar que Angarano refere que, na altura do assédio, possuía uma fortificação abaluartada com esta configuração, cujo risco tem sido atribuído a Fratin, já na época filipina: “Cascais la qual terra é posta sul mare, et há un castello di forma triangulare com baluardo alla moderna per guarda del mare” (Angarano, 1580, p. 377).

9-12 de Agosto: Conquista do forte de São João

O forte de São Julião da Barra foi representado na “Relatione” com traçado regular, de “forma pentagonale”:

Sotto Castelli San Giovanni [...] in una villa detta Oeiras poco discorto dal detto castello, il quale e posto per guardia del porto sur la boca del fiume Taio, et é la principale fortrezza di quel Regno per essere fabricatto alla moderna in forma pentagonale com cinque bellovardi (Angarano, 1580, p. 377).

O rigor da descrição demonstra que o autor é conhecedor – ou muito bem informado – acerca do território e situação defensiva de Portugal, não esquecendo de mencionar a principal razão da curta resistência oferecida pela guarnição, confirmando o que depois foi detalhadamente descrito por Herrera (Herrera, 1591, pp. 116-120): “haverá sol’una oppositione che non era finito da una parte da terra pianaria dillche essendone avisato il Duca comando che aquella parte si dovesse piantare l’artiglieria” (Angarano, 1580; p. 377). Foi Antonelli que tratou de “bateria”, juntando “27 pezzi d’artiglieria grassa”.

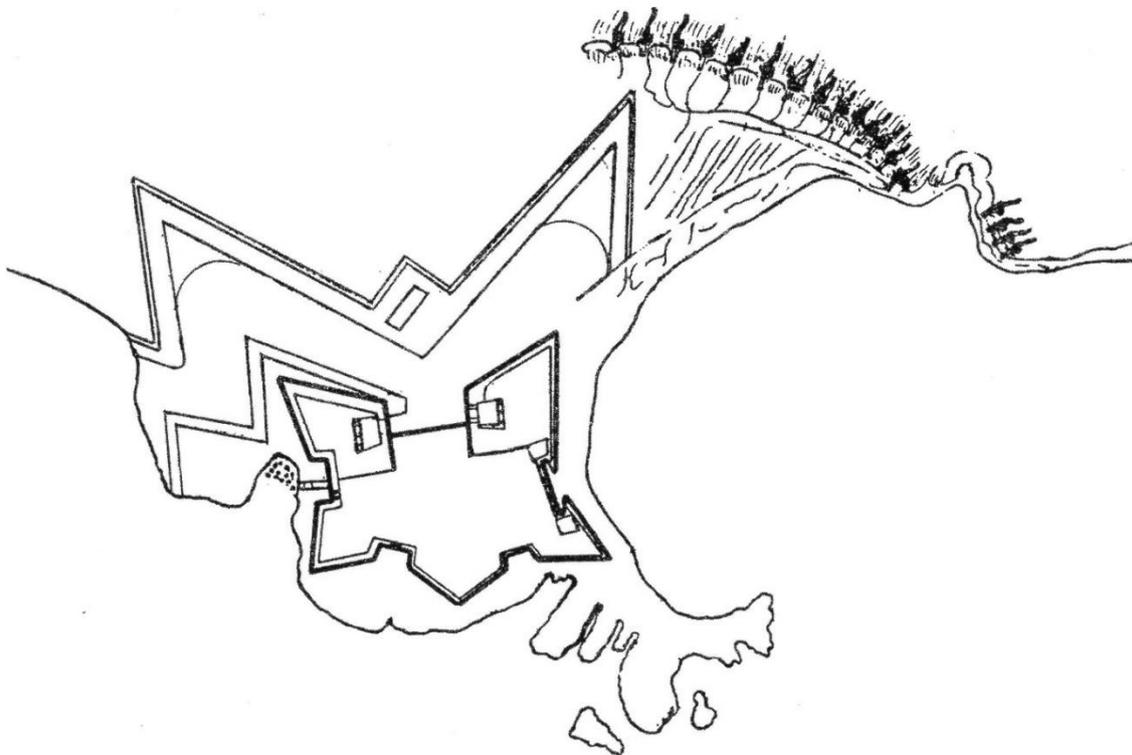


Imagem 16: bateria do forte São Julião da Barra, cópia do desenho original no Arquivo General de Simancas.

13-25 de Agosto: forte da Cabeça Seca, Torre de Belém, e Alcântara

Depois de fazer uma breve referência à ocupação do forte da Cabeça Seca, “fabricato de legname”, e o assédio e conquista da “Tor di Bellem” (Angarano, 1580, p. 378), Angarano descreve sucintamente os dispositivos militares nos dois campos, e batalha de Alcântara, que teve lugar no dia 25 de Agosto. As várias fontes da campanha de 1580 são geralmente concordantes na descrição daquele que é o momento crucial que decidiu a guerra de anexação, sendo que Herrera é o cronista que oferece maiores detalhes sobre o encontro militar de 25 de Agosto. O campo de batalha foi representado de forma algo genérica, mas

podemos descortinar os elementos-chave nas várias relações presenciais, nomeadamente o relatório do duque de Alba, a carta de Fernando de Toledo (in CODOIN, v. XL, pp. 373-376), que comandou o contingente que ofereceu a vitória aos espanhóis, o soldado polaco Steblovo e Pedro Roiz Soares (Soares, 1953, pp. 174-175), que embora não tenha participado nos combates viveu estes acontecimentos. A acompanhar os relatos escritos, existem quatro representações gráficas da batalha: um desenho que se depreende ser quase contemporâneo, existente na Biblioteca Nacional de Portugal, a gravura da batalha de Mario Cartaro, o fresco da autoria de Juan Batistta Perolli (Torrijos, 2000), exposto no palácio do Viso do marquês de Santa Cruz, e o fresco no palácio Spínola, em Génova.

O desenho de Sefano Angarano é rigoroso quanto à situação dos dois campos antes do início da batalha. A topografia inclui a localização da ribeira de Alcântara e a ponte, a colina de Alcântara e o olival onde algumas das tropas de D. António se encontravam emboscadas. No que respeita às posições dos dois exércitos, estão representadas as principais posições. No caso das forças espanholas, a esquadra no rio Tejo, os “tercios” em frente da ponte de Alcântara - os alemães de Lodron e os italianos de Colonna -, e o contingente que rodeou o dispositivo antonino, constituído pelas forças de cavalaria e os “tercios” espanhóis. A posição de D. António tem representada a esquadra, as forças em frente da ponte, a posição fortificada, representada ela linha de trincheiras de forma “carenada”, e o alojamento. Relativamente a esta última posição, ficamos com a impressão de se encontrar representado o traçado regular do campo, ortogonal, que apresenta vagas semelhanças com o alojamento de Cantillana.

5. Conclusões e tópicos a desenvolver

A participação de Stefano Angarano na marcha vitoriosa do duque de Alba em Portugal (tal como a sua biografia) estão ainda sujeitas a uma investigação mais aprofundada sobre o contexto no qual este fidalgo vicentino se movimentou. E, dessa forma, talvez lançar mais alguma luz sobre a recepção das formas palladianas em Portugal (Ferreira, 2011). A “Relatione de Stefano Angarano” consiste num elemento de trabalho imprescindível para o estudo da guerra no Portugal de finais do século XVI. São vários os pontos de interesse: a ligação do manuscrito com a Itália e a forma como foi divulgado, nomeadamente no círculo erudito de Andrea Palladio; a invulgaridade de possuir uma componente gráfica associada ao texto; a qualidade da informação que permite aceder a diversas componentes da guerra dificilmente exploráveis noutras fontes; o facto de constituir, com grande certeza, uma fonte documental

primária. Proporciona a abertura da historiografia militar ao conceito de cidade militar e, sobretudo, estudar a guerra não apenas no âmbito da batalha, mas alargada ao tempo do *antes*, numa problemática muito mais abrangente que articula o fenómeno militar com a sociedade e cultura desta época tão notável quanto conturbada.

6. Bibliografia

- Agrippa, Camillo (1553) *Tratatto di scientia d'arme com un dialogo di filosofia*. Roma: Antonio Blado.
- Anónimo *Portaict du sitie et ordre de bataille donne par le sr. Don Antonio nommé roi du Portugal el le duc dalbe Lieutenant et capp.. general du Roy cath. Don Philippe 2 devan Lisbonne para mere et par terre en un mesme jour le 25 d'aoust 1580*. Códice 8570, Biblioteca Nacional de Portugal.
- Antonelli, Giovan Battista (2009) *Epitomi dela manera de alloggiare un campo*. ed. Mario Sartor. Udine: Forum.
- Biblioteca Marciana de Veneza, *Relatione do Co. Stefano Angarano de la guerra di Portogallo L'anno 1580*, cod. It. VI 181 (=5841).
- Arévalo, Frederico (2002) *La representación de la ciudad en el Renacimiento. Levantamiento urbano y territorial*. Sevilla: Fundación Caja de Arquitectos.
- Battista Alberti, Leon (1988) *On the Art of Building in Ten Books*. Cambridge: M.I.T. Press.
- Beltramini, Guido (2009) *Andrea Palladio and the Archietecture of Battle with the Unpublished edition of Polybius Histories*. Venice: Marsilio.
- Cámara, Alicia (1998) *Fortificación y ciudad en los reinos de Felipe II*. Madrid: Nerea.
- Carranza, Jerónimo de (1582) *De la Filosofía de las Armas y de su Destreza y la Aggression y Defensa Cristiana*. Sanlucar de Barrameda: Luis Sanchez.
- Cartaro, Mario gravura ca. 1540-1620 <<https://catalogue.museogalileo.it/biography/MarioCartaro.html>>.
- Museo del Ejército Battista Antonelli, Giovan, *Epitomi dela manera de alloggiare un campo*. ME (CE) 44.100.
- Cockle, Maurice (1957) *A Bibliography of Military books up to 1642*. London: Holland Press.
- Corvisier, André (1988) *Dictionnaire d'art et d'histoire militaires*. P.U.F.: Paris.

- Costa e Sousa, Luís (2008) *A arte na guerra. A arquitectura dos campos de batalha no Portugal de Quinhentos*. Lisboa: Tribuna.
- (2015) *Construir e desconstruir a guerra em Portugal, 1568-1598*. Lisboa: IESM.
- (2018) 'O caminho de Alcácer Quibir: Plano, marcha e batalha, ou a dinâmica da forma militar', *e-Strategica, Revista da AIHM (sécs. IV-XVI)*, II, pp. 49-61.
- (2019) 'From Tangiers to Alcácer Quibir. The Portuguese Military Revolution Revisited', in *Encounters in Borderlands. Portugal, Ceuta, and the 'Other Shore'*. PSR Edited Volumes. I, Petersborough: Baywolf Press, pp. 305-357.
- Cruikshank, Charles (1991) *Henry VIII and the Invasion of France*. New York: St. Martin Press.
- Diaz Moreno, Félix (2006) *Un Original de Imprenta del siglo XVI: El De Re Militari de Diego Gracián de Alderete* <<https://eprints.ucm.es/6197/1/5-2.pdf>>.
- Biblioteca Nacional da Ajuda, 'Movimento do Orbe Lusitano', *Das cortezias q fazião os Reys de Portugal quando erão visitados*, cod. 50-V-35.
- O'Donnell, Hugo (2006) 'El reposo del ejército. Estudio del camapmento temporal del tiempo de los Austrias', *Guerra y Sociedad*, in *la Monarquía Hispánica, Política, estrategia y cultura en la Europa moderna I (1500-1700)*. I, pp. 381-399.
- Espino López, António (2001) *Guerra y Cultura en la Época Moderna*. Madrid: Ministerio de Defensa.
- Fara, Amelio (1988) *Bernardo Buontalenti. La architettura, la guerra e l'elemento geométrico*. Genova: Sagep.
- Hale, John (1984) 'Palladio and Polybius Histories', in *Renaissance War Studies*. London: Hambledon Press, pp. 471-486.
- Herrera, Antonio de (1591) *Cinco libros de Antonio de Herrera de la historia de Portugal, y conquista de las islas de los açores, en los años de 1582 y 1583*. Madrid: Pedro Madrigal.
- Hochmann Michel (1987) 'La collection de Giacomo Contarini', *Mélanges de l'Ecole Moreira, française de Rome. Moyen-Age, Temps modernes*, I (99), pp. 447-489 <https://www.persee.fr/doc/mefr_0223-5110_1987_num_99_1_2917>.
- Ignacio de la Torre Echávarri, José (2014) 'Juan Bautista Antonelli: Ingeniero militar y alojador de ejército', in *Ingenieros del Renacimiento*. Segovia; La Fundación Juanelo Turriano, pp. 113-133.

- Kemp, Martin (1990) *The Science of Art. Optical Themes in Western Art from Brunelleschi to Seurat*. New-Haven: Yale University Press.
- Lefèvre, Wolfgang (ed.) (2004) *Picturing Machines 1400-1700*. Cambridge-Massachusetts: M.I.T. Press.
- Lopez Torrijos, Rosa (2000) *Juan Batista Perolli. Obras genovesas*, <<https://core.ac.uk/download/pdf/58907668.pdf>>.
- Machado, Diogo Barbosa de (1752) *Bibliotheca Lusitana*. III, Lisboa: Joseph Antonio da Silva.
- Moreira, Rafael (1995) 'Arquitectura: Renascimento e Clacissismo', in *História da Arte Portuguesa*. II, Lisboa: Temas e Debates.
- Mondschein, Ken (2009) *Fencing: A Renaissance Treatise by Camillo Agrippa*. New York: Italica Press.
- Marozzo, Achille (1536) *Opera Nova dell'Arte delle Armi*. Modena: A. Bergolae.
- Martines, Lauro (2013) *Un tiempo de guerra. Una historia alternativa de Europa 1450-1700*. Barcelona: Crítica.
- Merino-Peral, Esther (2002) *El arte militar en la época moderna: los tratados «de re militari» en el Renacimiento (1536-1671). Aspectos de una arte español*. Madrid: Ministerio de Defensa.
- Parker, Geoffrey (2004) *The Army of Flanders and the Spanish Road 1567-1659*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Oliveira, Julieta Teixeira Marques (2000) *Portugal e Veneza no Século XVI: Subsídios para a sua História*. II, Lisboa: I.N.C.M.
- Paolo Fiore, Francesco (2017) *Architettura e arte militare. Mura e bastioni nella cultura del Rinascimento*. Roma: Campisano Editore.
- Patrizzi, Francesco (1595) *De paralleli militari*, II, Roma: L. Zanetti.
- Pidal, M. y Salvá, M. (1859-62): CODOIN, *Collección de documentos inéditos para la historia de España*. XXXII-V e XL. Madrid: Viuda de Calero.
- Pezzolo, Luciano (2009) 'The Organization of Warfare and the military Milieu in the Republic of Venice', in *Andrea Palladio and the Architecture of Battle with the Unpublished edition of Polybius Histories*. Venice: Marsilio, pp. 240-253.
- Quatrefages, René (1979) *Los tercios espanoles (1567-77)*. Madrid: Fundación Universitaria Española.
- Rojas, Cristobal de (1598) *Teórica y práctica de fortificación*. Madrid: Luis Sanchez.

- Salazar, Diego de (1536) *Tratado De re militari*. Alcalá de Henares: Miguel de Eguía.
- Shuckburgh, Evelyn S., *The Project Gutenberg e-Book of The Histories of Polybius* vol. I., book VI, p. 215 <<http://www.gutenberg.org/files/44125/44125-h/44125-h.htm>>.
- Sicard, Frédérique (2014) *Condesas de Paredes: señoras de su casa y camareras de la reina*, <[https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/39189/1/Condesas de paredes.pdf](https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/39189/1/Condesas_de_paredes.pdf)>.
- Stevin, Simon (1618) *La castrametation*. Leyden: Matthieu & Bonaventure Elzevier.
- Soares, Pedro Roiz (1953) *Memorial*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Suárez Inclán, Juan (1897) *Guerra de anexión en Portugal durante el reinado de Don Felipe II*. Madrid: Imprenta y Litografía del Depósito de la Guerra.
- Tzonis, Alexander e Lefaivre, Liane (1999) *Classical Architecture. The Poetics of Order*. Cambridge: M.I.T. Press.
- The Italian Academies 1525-1700: Networks of Culture, Innovation and Dissent* (2016). London: Routledge.
- Valdés, Francisco de (1989) *Espejo e disciplina militar*. Madrid: Ministerio de Defensa.
- Vegécio (2009) *Compêndio da Arte Militar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Wood, James B. (2002) *The King's Army. Warfare, Soldiers, and Society during the wars of Religion in France, 1562-1576*. Cambridge: Cambridge University Press.

7. Curriculum vitae

Licenciado em Arquitectura na FAUTL (actual FAUL) em 1990. Apresentou a dissertação de Mestrado na CH-FLUL em 2006 , onde completou o doutoramento em História dos Descobrimentos e Expansão (2013). Dedicou-se ao estudo da ligação entre a produção artística guerra em Portugal durante o século XVI. É IR projecto “*De Re Militari. Da escrita da guerra à imagem do campo de batalha no espaço português (1521-1621)*” - PTDC/ART-HIS/32459/2017.

© Copyright: Author(s).

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License”



Il presente volume è stato pubblicato online il 30 giugno 2021 in:

This volume has been published online on 30th June 2021 at:

<http://rime.cnr.it>

CNR - Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Via Giovanni Battista Tuveri, 128 - 09129 Cagliari (Italy).
Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.
Sito web | Website: www.isem.cnr.it

